

«Podemos ler e reler centenas de vezes o Novo Testamento, mas nunca lá encontraremos uma indicação de como era a aparência física de Jesus. Seria alto ou baixo? Gordo ou magro? Teria o aspeto ariano (viking loiro de olhos azuis) que a tradição pictórica ocidental lhe atribuiu – ou teria feições mais tipicamente mediterrâneas?». Frederico Lourenço



Siro López (desenho pintado na Serra do Pilar, 05/10/2017)

## Jesus era belo?

**P**ODEMOS LER E RELER CENTENAS DE VEZES O NOVO TESTAMENTO, mas nunca lá encontraremos uma indicação de como era a aparência física de Jesus. Seria alto ou baixo? Gordo ou magro? Teria o aspecto ariano (viking loiro de olhos azuis) que a tradição pictórica ocidental lhe atribuiu – ou teria feições mais tipicamente mediterrâneas?

No século XIX, o pintor inglês John Everett Millais provocou um escândalo por ter pintado um quadro em que – pasme-se! – o jovem Jesus aparecia como rapazinho judeu, o que suscitou críticas de extraordinária violência contra o artista. Estávamos, afinal de contas, na época preparatória do arianismo fanático do século XX, que haveria de levar milhões de rapazinhos judeus para as câmaras de gás.

Deste ponto de vista, é muito interessante lermos como o nazismo arranjou maneira de argumentar que Jesus era ariano (recomendo o livro de Susannah Heschel, “The Aryan Jesus: Christian Theologians and the Bible in Nazi Germany”, Princeton University Press, 2008). A iconografia de Jesus que vemos ainda hoje nos EUA em igrejas frequentadas por cristãos partidários da chamada supremacia branca dá-nos a sensação perturbadora de que a teologia nazi deixou descendência.

Seja como for, o historiador não precisa de entrar em pânico com a ideia de que Jesus possa ter tido “aparência de judeu”, pois para o historiador Jesus foi obviamente judeu, circuncidado ao oitavo dia (Lucas 2:21), e não faz qualquer sentido histórico arianizar Jesus e representá-lo como um atleta escandinavo competindo nos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro.

Sendo certo que o Novo Testamento não nos dá, de facto, qualquer descrição da aparência de Jesus, existem escritos dos primeiros séculos da era cristã que, algo surpreendentemente, sublinham a falta de imponência física do Filho de Deus. Descontando polemistas anti-cristãos (como Celso, que escreveu que Jesus era um homem feio de estatura baixa), vemos que alguns escritos cristãos apócrifos nos retratam Jesus como baixo, feio e – surpresa das surpresas! – careca (ver, por exemplo, os “Actos de João” § 89).

Os longos cabelos loiros de Jesus na tradição iconográfica ocidental já causaram perplexidade a muitos leitores de São Paulo, que condena sem margem para dúvida cabelos compridos nos homens (1 Coríntios 11:14). Se, logo na primeira geração de cristãos, alguém como Paulo (que conheceu pessoas que tinham conhecido Jesus) exprime a sua recusa dos cabelos compridos nos homens, é plausível que Jesus usasse a linda cabeleira que estamos habituados a ver na projecção fantasiosa da Sua aparência que está presente em toda a história da arte ocidental?

Também o Jesus como atleta perfeito (já desde as famosas estátuas de Miguel Ângelo) de corpo malhado e sarado contrasta com a ideia do homem baixo e feio

de que os referidos escritos (como os “Actos de João”) fazem eco. No entanto, vemos que, já em finais do século IV, não cabia na cabeça de católicos ortodoxos que Jesus pudesse ser outra coisa que não a corporização da beleza: é essa a ideia que lemos em Santo Agostinho (“Enarrationes in Psalmos” 44.3).

O Jesus belo da imaginação de Agostinho tem alguma base no Novo Testamento? O grande problema é que o adjectivo “belo” é problemático na linguagem dos autores do Novo Testamento. Pois embora “kalós” ocorra mais de 100 vezes no NT, praticamente a única passagem em que os estudiosos aceitam consensualmente que signifique mesmo “belo” é Lucas 21:5, onde é aplicado às pedras do templo. De resto, o sentido que é habitual atribuir-lhe no NT é “bom” (um pouco à semelhança do adjectivo hebraico “tov”, que também admite os dois sentidos).

Ora bem, o adjectivo “belo” ocorre 101 vezes no NT, mas não há dúvida de qual é a sua ocorrência mais célebre: quando Jesus diz de si mesmo “eu sou o pastor belo” (João 10:11). A tradução aceite da frase é “eu sou o bom pastor”, porque, como vimos, “kalós” significa quase sempre “bom” e não “belo” no NT. Na nota que proponho a esta a passagem na minha tradução do Evangelho de João, refiro as implicações (como base numa passagem que aduzo do Antigo Testamento) de considerarmos o que significaria aqui a tradução “belo” (em vez de “bom”). Não vou repisar isso aqui.

Volto, antes, à passagem dos apócrifos “Actos de João” acima citados, onde Jesus é descrito como baixo, feio e careca. No texto, o que “João” (Pseudo-João, já que nenhum estudioso acredita que o apóstolo João seja o autor deste texto) afirma é que a aparência de Jesus mudava constantemente. Nem sempre quem olhava para ele via um homem baixo: por vezes ele parecia altíssimo. O velho careca percebido por “João” era o mesmo Jesus que “Tiago”, irmão de “João”, via como jovem com a barba a despontar. O peito de Jesus – diz este pseudo-apóstolo – por vezes era macio e mole; outras vezes, duro como pedra (o efeito “malhado e sarado” não era permanente no caso de Jesus, como muitos homens desde então também já descobriram...).

Do ponto de vista filosófico, esta passagem dos “Actos de João” é de uma sofisticação espantosa, porque já nos aponta para o fenómeno característico da história futura do cristianismo, que é as pessoas simplesmente verem em Jesus aquilo que elas próprias querem ver. Jesus é a tela em branco em que há 2000 anos os cristãos projectam todas as suas fantasias. No texto apócrifo, “João” vê em Jesus um velho, ao passo que “Tiago” vê nele um jovem. Do mesmo modo, cristãos de outras épocas haveriam de ver em Jesus um homem de cabelos brancos (como faz o autor do livro de Apocalipse); um homem todo vestido pregado na cruz (como faziam os artistas pudicos da época bizantina, que se recusavam a representar a nudez de Cristo); um homem quase-nu pregado na

cruz (cada vez mais erotizado a partir do Renascimento italiano); um viking ariano de cabelos loiros e olhos azuis (como no imaginário baptista e mórmon nos EUA); etc.

Como seria a aparência de Jesus? Jesus seria “belo”? É claro que não há resposta para essa pergunta. No entanto, graças ao sentido duplo da palavra grega “kalós”, podemos afirmar que esse adjectivo lhe teria assentado a 100%. Porque mesmo que ele não fosse BELO, não há dúvida de que foi BOM.

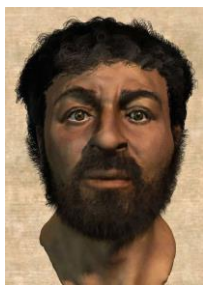
na imagem: a versão estereotipada de Jesus como ariano loiro delicado.



*Blog de Frederico Lourenço. Professor universitário.*

[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=1887881534795093&id=100007197946343](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1887881534795093&id=100007197946343) (04/07/2017)

## Especialista forense revela a verdadeira aparência de Jesus Cristo



Representado na arte cristã como um homem branco de cabelos longos e castanhos, Jesus Cristo na realidade pode ter sido bem diferente dessa visão. Segundo um especialista forense, o filho de Deus teria pele mais escura, cabelo curto e encaracolado.

O artista RICHARD NEAVE conseguiu recriar a face de Jesus estudando crânios com técnicas forenses. No resultado final, Cristo aparece com um rosto largo, olhos castanhos, uma espessa barba e a pele bronzeada.

Estas características seriam provavelmente típicas dos judeus da região da Galileia, ao norte de Israel no Oriente Médio. Sem descrições de sua aparência no Novo Testamento da Bíblia ou desenhos antigos, historiadores e cientistas sempre debateram como seria de facto a fisionomia do filho de Deus.

Além disso, nenhum esqueleto ou restos mortais foram encontrados para estudar o DNA de Cristo. Desta forma, Neave analisou diversos cadáveres encontrados na região por onde Jesus passou e recriou o rosto do homem padrão que viveu no mesmo tempo que ele. Segundo o norte-americano, o modelo é muito mais preciso do que qualquer pintura feita por grandes mestres da arte ao longo da história.

A técnica utiliza dados culturais e arqueológicos, assim como métodos similares aos usados para solucionar crimes hoje em dia. De acordo com o cientista, eventos descritos no Jardim Getsémani, texto do Novo Testamento no evangelho de Mateus, mostram que Jesus se assemelhava muito aos seus discípulos.

Diante disso, Neave analisou três crânios de galileus semitas da época encontrados por arqueólogos israelenses para traçar um padrão entre eles. Eles utilizaram tomografias computadorizadas para recriar verdadeiras fatias dos crânios para descobrir detalhes que compõem a face de cada indivíduo.

Com ajuda de programas, conseguiram calcular as medidas do crânio e como os músculos e a pele se apresentavam na face. Características como a cor dos olhos, do cabelo não puderam ser analisadas desta forma, os pesquisadores apelaram para registros da cultura judaica da época e citações na Bíblia, buscando padrões estéticos encontrados comumente entre as pessoas.

Boa parte das cenas de nascimento e adoração de Jesus são muitíssimo “humanas”, espantam-nos com a sua naturalidade, fazendo-nos até esquecer o próprio conceito de “incarnação”



“A Ceia em Emmaus”, de Caravaggio foto Getty Images

## natal visto da páscoa

**T**alvez por serem necessariamente devotas, devocionais, as representações artísticas de temas natalícios ao longo dos séculos, incluindo o presépio, os reis magos, o Deus-menino, nunca me pareceram as imagens mais inesquecíveis do cristianismo. Em contrapartida, ocorrem-me vinte quadros da Páscoa (italianos sobretudo, Piero della Francesca, Caravaggio, outros) que me tocam. Imagino que essa diferença tenha que ver com as questões da representação do corpo e os seus problemas, gerais (o corpo infante, o corpo morto) ou específicos (o corpo “incarnado”, o corpo ressuscitado, o corpo ascensional, o corpo “glorioso”). O arco da vida de Jesus compreende um começo e um fim sobrenaturais, a incarnação e a ressurreição, mas esta é mais representável do que aquela, na medida em que tem em si mesma a sua explicitação. Quero dizer com isto que boa parte das cenas de nascimento e adoração são muitíssimo “humanas”, espantam-nos com a sua naturalidade, fazendo-nos até esquecer o próprio conceito de “incarnação”; ao passo que as imagens de Jesus ressuscitado, mesmo aquelas mais “naturais”, onde está por

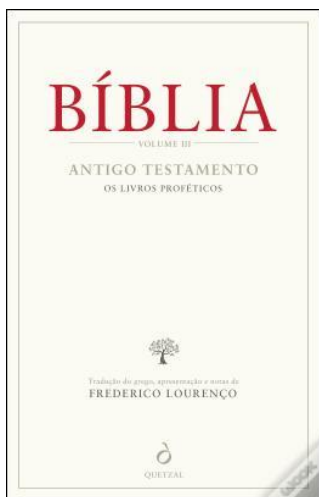
exemplo a comer com os discípulos de Emaús, essas afiguram-se-me inconcebíveis, espantosas, imagens que traduzem as palavras de Paulo: “(...) se não há ressurreição de mortos, também Cristo não foi ressuscitado. E se Cristo não foi ressuscitado, logo é vã a nossa pregação e também é vã a vossa fé.”

O texto que me acompanhou neste Advento foi por isso um texto quaresmal, “Reste avec nous car le soir tombe”, de Jean-Marie Planes, crítico, memorialista e ex-director do Salão do Livro de Bordéus. Escreve ele, a dado passo: “(...) na dupla natureza de Jesus, é a natureza humana que sobretudo me comove. Gosto que Jesus chore por um amigo, que se enfureça com cóleras homéricas. É nosso irmão no Jardim das Oliveiras, quando sofre, quando o seu suor é sangue, quando o pavor do que virá o invade. É fraco como nós somos fracos: ‘Pai, se é possível, afasta de mim este cálice...’ É homem nesse momento, como em nenhum outro, corpo e alma.” Não temos imagens coevas de Jesus, porque ele não era ninguém na sociedade do seu tempo. Temos por isso as imagens da arte, a imaginação estética que o fez humano, portanto mutável, frágil ou musculoso, hirsuto ou beatífico, louro ou semita. Os bebés são em geral mais parecidos uns com os outros do que os adultos, e a variedade de representações de Jesus, algumas incongruentes, algumas maravilhosamente incongruentes (como os Cristos Negros) simbolizam a diversidade humana desse Jesus imaginado mas concreto, uma forma fulgurante de demonstrar o conceito de encarnação.

O livrinho de Plantes, que é sobre a Páscoa, e mais especificamente sobre os dois discípulos no caminho de Emaús, encontra episódios e frases que nos convencem da humanidade de Jesus sem impugnarem a sua divindade. Até porque essa humanidade se confirma nos momentos mais “sobrenaturais”. Por exemplo, o texto bíblico diz que Jesus ressuscitado responde à mulher que lhe pergunta onde está o corpo morto dizendo apenas “Maria”, o nome dela. E ela identifica-o de imediato, porque todos esperamos a vida inteira que alguém reconheça o nosso nome, ou seja, o nosso verdadeiro eu. Do mesmo modo, o “noli me tangere” que Jesus profere de seguida é interpretado por Plantes não como um “não me toques” mas como um “[ama-me mas] não me detenhas”, aviso tão divino quanto humano. Quanto aos discípulos de Emaús (um casal talvez?, não sabemos), também eles não reconhecem Jesus, como é normal que nos aconteça, mas têm com aquele desconhecido uma última-ceia-depois-da-última. E ainda sem saberem a verdade, envolvem-no no mais humano dos convites: “Fica connosco; porque é tarde, e já declinou o dia.”

**Pedro Mexia.** Poeta, cronista e crítico literário.

Jornal *Expresso* semanário, nº 2356



«O importante é esta Bíblia, um grande livro que decerto perdurará muitos, muitos anos na reduzida prateleira da Grande Arte da nossa Literatura, pelo seu rigor, pela sua beleza, pela sua absoluta e luminosa fidelidade. Como português agradeço do coração a Frederico Lourenço. Como escritor agradeço-lhe do fundo da alma. A Arte não é um desporto de competição e a Casa do Pai tem muitas moradas.»

[*António Lobo Antunes*]



## Século XVIII – Menino Jesus da Cartolinha



A Concatedral de Miranda do Douro, antiga Sé de Miranda do Douro, cidade com uma história atribulada devido à sua localização fronteiriça e por mais de uma vez caída sob domínio espanhol, acolhe um ícone da religiosidade popular – o **MENINO JESUS DA CARTOLINHA**, ou em mirandês o *Nino Jasus de la Cartolica*. A imagem está num oratório em talha dourada barroca recheado de peças de

roupa e outros adereços. Reza a lenda que em 1711, estando Miranda assolada há vários meses pelos espanhóis, prestes a perecer sob as armas e à fome, sem esperança de auxílio, apareceu nas muralhas um menino vestido de fidalgo a incentivar as gentes a resistir e expulsar os invasores. O ânimo foi tal que o povo escorraçou o inimigo e libertou a cidade. O menino, esse, desapareceu. Crentes de que se tratava de um milagre, os mirandeses mandaram esculpir uma imagem do menino cavaleiro. A cartola seria acrescentada mais tarde, com a ascensão da burguesia, nos finais do século XIX ou princípios do século XX, juntando-se aos inúmeros fatos que eram oferecidos à imagem. **A festa do Menino Jesus da Cartolinha celebra-se no dia de Reis**, o que talvez explique o curioso facto de também os espanhóis lhe serem devotos.